

“Resistir para existir”: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol

"Resist to exist": meninos bons de bola and a possible ethnography on becoming a football team

Maurício Rodrigues Pinto

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP (PPGAS/USP)

Heloisa Buarque de Almeida

Professora do Departamento de Antropologia da USP

Resumo

Neste ensaio, apresentamos relatos e considerações etnográficas sobre o Meninos Bons de Bola (MBB), equipe de futsal amadora da cidade de São Paulo, formada por homens trans e pessoas transmasculinas. A partir de diálogos e trocas com jogadores da equipe, revemos alguns eventos vivenciados em 2020 e 2021 na rearticulação do time diante da pandemia, sem poder realizar os encontros presenciais que davam sentido à sua existência. Refletimos nesse processo sobre os desafios e rearranjos na pesquisa etnográfica impostos pela pandemia de Covid-19. Por meio de narrativas biográficas, construídas em colaboração com jogadores do time, mostramos como os integrantes do MBB pensam suas relações com o futebol, os impactos da pandemia em suas rotinas, além dos significados de fazer parte de um coletivo acolhedor, que os possibilita jogar bola entre os seus. O artigo abarca também a retomada dos encontros presenciais do MBB, a partir do segundo semestre de 2021, momento em que sujeitos lidos como dissonantes dos padrões estabelecidos pela cisgeneridade, por meio da prática do futebol e da exposição dos seus corpos, reivindicam coletivamente o direito de aparição das suas existências em espaços públicos.

Palavras-chave: Futebol; Gênero; Transmasculinidades; Etnografia em contexto pandêmico.

Abstract

In this essay, we present accounts and ethnographic considerations about Meninos Bons de Bola (MBB), an amateur futsal team in the city of São Paulo formed by transmen and transmasculine people. From dialogues and exchanges with players, we reviewed some events experienced in 2020 and 2021, as the team rearticulated itself in the wake of the pandemic, without being able to hold face-to-face meetings that gave meaning to its existence. In this process, we reflect on the challenges and rearrangements in ethnographic research imposed by the Covid-19 pandemic. Through biographical narratives, constructed in collaboration with team members, we show how MBB players think about their relationship with soccer, the impacts of the pandemic on their routines, and the meanings of being part of a welcoming collective, which allows them to play soccer among their own. The article also covers the resumption of face-to-face MBB meetings in the second half of 2021, a moment in which subjects read as dissonant from the standards established by cisgenderism collectively claim the right of their existences to appear in public spaces through the practice of football and the exposure of their bodies.

Keywords: Football; Gender; Transmasculinities; Ethnography in a pandemic context.

Introdução: Uma cena antes da ruptura

Em 15 de março de 2020, domingo à tarde, saí de minha casa rumo ao centro da cidade de São Paulo. Um ano antes, havia ingressado no doutorado em Antropologia Social e, dentre os planos feitos para 2020, vislumbrava a realização de um extenso trabalho de campo junto a equipes de futebol ou futsal amadoras formadas por pessoas trans e pessoas transmasculinas. A partir de uma pesquisa de pré-campo, tinha como questão analisar os sentidos da apropriação do jogo por estes sujeitos, e em que medida o faziam por meio da constituição de coletivos que os permitissem praticar o esporte em segurança. Por essa razão, fui assistir a um treino do Meninos Bons de Bola (MBB), considerado o primeiro time de futebol do país – amador ou profissional – formado exclusivamente por homens trans e pessoas transmasculinas.

Naquele março de 2020, o treino deveria começar às 13h, em uma quadra de futsal alugada no bairro da Luz, na região central de São Paulo, mas eu desembarcava do ônibus quase trinta minutos atrasado. O fluxo de pessoas num domingo próximo ao horário de almoço era pequeno, com poucos estabelecimentos comerciais abertos, paisagem que contrasta com o

grande movimento de pessoas e de comércios que se vê durante a semana, em especial no chamado horário comercial. Aquele era um dos primeiros encontros que o MBB realizou em 2020. Naquele momento, o time passava por uma grande reformulação do seu elenco, com a saída de jogadores mais antigos, incluindo veteranos que participavam desde os primeiros encontros. Havia também novos jogadores que treinavam com o MBB pela primeira vez, alguns provenientes de outras equipes transmasculinas amadoras, que se formaram em 2019, como T Mosqueteiros e Transversão¹.

Ainda que eu tenha chegado atrasado, Raphael, idealizador e fundador do MBB, e outros integrantes me convidaram para participar do treino e ajudar a completar o grupo necessário para a montagem de dois times, o que permitiria a realização de um coletivo, que consiste em uma simulação de um jogo em que as equipes podem ir se modificando ou se mesclando durante a sua prática.

Importante dizer que a minha presença junto ao grupo não era uma novidade. Desde 2017, tenho assistido treinos, jogos e presenciado eventos com a participação de integrantes do MBB. Como um homem cisgênero² e na posição de pesquisador que realizava um trabalho sobre relações entre futebol e gênero, optei, na maior parte das vezes, em me manter fora de quadra, vendo as atividades do grupo. Aos poucos, fui negociando com jogadores a autorização para fazer registros fotográficos das práticas e, assim, ganhando mais acesso e até intimidade com algumas pessoas do time. Ao final, cheguei a brincar e bater bola com alguns jogadores, em especial em peladas mais descontraídas que costumam acontecer após os treinos e jogos.

¹ T Mosqueteiros e Transversão são outros dois times de futsal formados por homens trans e transmasculines da cidade de São Paulo. Ambos foram criados em 2018 e inicialmente utilizavam a quadra de futsal da Casa Florescer – centro de acolhida para mulheres trans e travestis situado no bairro do Bom Retiro, região central de São Paulo – para realizar os treinos conjuntamente. Em 2021, o T Mosqueteiros se rearticulou e com a entrada de ex-jogadores do MBB, passou a organizar os seus treinos na mesma quadra particular, no bairro da Luz. Quanto ao Transversão, não tive notícias de que o grupo tenha se reorganizado ou retomado treinos e encontros presenciais.

² O termo cisgênero aparece na bibliografia sobre gênero como um modo de marcar o que parece neutro e dado, diante da categoria trans. Utilizamos como referência para o termo cisgênero a definição presente em edição da revista *Transgender Studies Quarterly* (TSQ): “O termo cisgênero (do latim cis-, que significa “do mesmo lado que”) pode ser usado para descrever indivíduos que possuem, desde o nascimento até à idade adulta, os órgãos reprodutores masculinos ou femininos (sexo) típicos da categoria social de homem ou mulher (gênero) a que esse indivíduo foi atribuído ao nascimento.” (AULTMAN, 2014, p. 61-62 – tradução nossa).

Aquele treino foi a primeira vez que efetivamente compartilhei a quadra e participei de uma prática junto aos integrantes da equipe. Fora do melhor condicionamento físico, me ofereci para jogar como goleiro – posição que habitualmente costuma ser menos prestigiada e que tem menor concorrência, em comparação às demais posições de linha, mas na qual sempre me senti mais à vontade para jogar. Após quase uma hora e meia de coletivo, que ao fim virou mais uma pelada descontraída, fui também convidado para fazer parte da roda de conversa de integrantes do MBB, realizada costumeiramente dentro da quadra de jogo, ao final dos treinos. Naquela roda, Raphael, na condição de principal porta-voz do time, fez falas de acolhimento aos novos integrantes e chamadas que reforçavam a importância do compromisso de todos, em especial no cumprimento dos horários marcados e da dedicação durante treinos e jogos. Empolgado, contava dos muitos planos que o MBB tinha para o restante daquele ano. O time almejava participar de eventos e campeonatos, jogar contra outros times de fora do circuito LGBTI+. Vislumbrava-se também a articulação de parcerias que viessem a ajudar os jogadores em sua preparação física e, para além do futebol, a terem acesso a serviços e orientações de saúde e psicológicas especializadas em demandas, questões de homens trans/pessoas transmasculinas.

Ao final, todos pareciam animados com as perspectivas para 2020. Eu também me animava com a possibilidade de acompanhar mais de perto a rotina do grupo. Tinha como inspirações etnografias de práticas esportivas a partir do próprio corpo, como as realizadas por Loic Wacquant (2002), Wagner X. Camargo (2012) e Mariane Pisani (2018). Entendia que fazer parte dos treinos do MBB me permitiria também ter uma visão “mais de dentro” sobre os sentidos do jogo de futebol e de ser parte de um time, experimentando também no meu corpo as tensões, prazeres e relações que são construídas nas dinâmicas futebolísticas.

Jogar/treinar junto delas, logo correr, gritar, suar e tentar jogar bola, faz parte da proposta metodológica de Wacquant: realizar uma pesquisa *from the body*, no qual o nosso corpo – o corpo da pesquisadora – torna-se um instrumento que auxilia a investigação e o conhecimento. Essa postura metodológica auxilia a investigação porque aproxima, quebra-se uma barreira: naqueles momentos eu não era mais (mas era também!) a pesquisadora ou mesmo a fotógrafa, **eu era apenas mais uma no time: alguém que compartilhava experiências em comum**(PISANI, 2018, p. 34 – grifos meus).

Nas palavras de Pisani, ser “mais um/a/e no time” e “compartilhar experiências em comum” possibilitaria também ao grupo entender melhor o propósito da minha pesquisa e o motivo da minha presença no cotidiano do time, o que daria maior segurança e confiança para negociar a realização de registros fotográficos do coletivo e realizar entrevistas gravadas com integrantes do MBB.

No entanto, alguns dias antes começavam a ser noticiados os primeiros casos confirmados de Covid-19 no Brasil e já havia um clima crescente de preocupação em relação a um cenário de pandemia que se desenhava e deixava marcas em outras partes do planeta, como na China e no continente europeu. A apreensão por ter saído de casa naquele domingo para acompanhar um treino de futsal se ampliava com o espanto (e horror) de ter visto, durante o trajeto da Freguesia do Ó, bairro da Zona Norte de São Paulo onde moro, para o Centro, pessoas vestindo roupas com as cores verde e amarelo – muitas trajando camisas da seleção brasileira de futebol – que se dirigiam para a primeira manifestação pública favorável ao então presidente da república. Essas manifestações ficariam marcadas por mensagens de apoio à intervenção militar no país e de repúdio às recomendações de isolamento social que a Organização Mundial da Saúde (OMS), governos estaduais e municipais e veículos de mídia começavam a difundir.

Poucos dias depois, com o anúncio do decreto de estado de quarentena no estado de São Paulo³, não apenas os planos de pesquisa ou o planejamento do time para aquele ano seriam abalados e desfeitos. Planejamentos e rotinas estabelecidas por grande parte da população de todo o Brasil seriam profundamente impactadas, em função da deflagração da pandemia de Covid-19.

Logo após o treino, Rapha e eu caminhamos em direção à Praça da República. No trajeto, recordo-me de ter perguntado se ele e os demais jogadores se importariam se eu acompanhasse mais de perto a rotina do grupo e que eu me colocava à disposição para ajudar em algumas ações na organização do time. Em resposta, ele falou que me adicionaria no grupo de WhatsApp⁴ exclusivo para integrantes do MBB, para facilitar as comunicações

³ SÃO PAULO. Decreto Nº 64.881, de 22 de março de 2020.

⁴ Aplicativo multiplataforma gratuito de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

com o restante do grupo e, assim, entender as demandas da equipe com as quais poderia contribuir. Esse movimento foi fundamental para a rearticulação da pesquisa e do trabalho de campo durante os períodos mais restritivos da pandemia.

O objetivo deste ensaio, fruto da colaboração e das trocas entre pesquisador e orientadora, é refletir sobre como a equipe Meninos Bons de Bola, por um lado, e o etnógrafo, por outro, lidaram com a pandemia. O MBB visava manter o time e o engajamento de jogadores e das pessoas que acompanham as ações do coletivo em redes sociais. Em meio às preocupações de manter algum cronograma da pesquisa em andamento, o pesquisador foi notando as possibilidades de manter vínculo com o coletivo e contribuir em algumas das ações realizadas pelo time, mesmo sem estar presencialmente em campo com os seus interlocutores. A seguir, serão descritas algumas das mudanças pelas quais o time passou até o retorno dos encontros semanais presenciais, assim como as estratégias de pesquisa adotadas, com o uso da comunicação digital.

Primeiro, apresentamos alguns momentos da etnografia realizada através de interações em redes sociais e plataformas de mensagens instantâneas e videochamadas nos quais são descritas e analisadas as estratégias utilizadas pelo time para engajar seus integrantes, assim como o público que acompanha o time em redes sociais, mais especificamente no Instagram⁵. Em segundo lugar, tratamos também das colaborações do pesquisador com o grupo e como esse envolvimento permitiu maior aproximação com os jogadores. Através da interação por meios digitais - por meio de plataformas como o WhatsApp e o Google Meets - foi possível negociar a realização de narrativas biográficas em colaboração com alguns jogadores, com o propósito de conhecer suas trajetórias de vida e relações com o futebol, os tensionamentos ao tentarem se inserir neste universo e

Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. O WhatsApp foi fundado em 2009, por Brian Acton e Jan Koum, e adquirida pelo Facebook (atual Meta) em 2014. É estimado que o WhatsApp tenha mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo. De acordo com pesquisa feita pelo Datafolha (2022), é a rede social que tem o maior número de pessoas usuárias no Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-ldera-com-92.shtml>>.

⁵ O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, criada em 2010, por Kevin Systrom e por Mike Krieger. Atualmente faz parte da Meta, empresa que também controla o Facebook e o WhatsApp

que sentidos atribuem à experiência de fazer parte de uma equipe formada exclusivamente por homens trans. Como parte do pacto estabelecido com interlocutores, o pesquisador se dispôs a contribuir com os esforços do time, como uma forma de retribuir a seus interlocutores de pesquisa, pela abertura ao recebê-lo e pelo consentimento à pesquisa.

Além de um relato etnográfico das vivências do pesquisador com o MBB nesse período, pretendemos também tecer algumas considerações sobre o exercício etnográfico em meio a um contexto pandêmico, a necessidade de rearranjos das estratégias para a realização do trabalho de campo. Com a experiência de compartilhar a quadra com jogadores do time interditada, como fazer a pesquisa de campo de outro modo? Como pesquisar, ser mais um no time, sem jogar junto?

Futebol como refúgio e fonte de força: sentidos do pertencimento a um time exclusivamente transmasculino

O MBB foi fundado em agosto de 2016, por iniciativa de Raphael Henrique Martins⁶, homem trans negro, periférico, educador social, que à época trabalhava no Centro de Referência da Diversidade do município de São Paulo (CRD)⁷. Ainda em início do seu processo de transição, Rapha, nome pelo qual é mais conhecido, percebeu a baixa presença de homens trans nos serviços oferecidos pelo CRD. Com o apoio da equipe do Centro de Referência, acessou redes e fóruns digitais direcionados para homens trans e lançou a proposta de um encontro para indivíduos que se identificavam como transmasculinos, com o propósito de se conhecerem e socializarem. A ideia de se fazer um jogo de futebol foi o chamariz para o encontro, que reuniu cerca de 15 homens trans provenientes de diferentes partes da Grande São Paulo, alguns deles acompanhados de familiares e pessoas amigas. Rapha conta que, assim como ele, muitos dos participantes daquele encontro tinham se distanciado do futebol à medida que percebiam que seus corpos e performatividades tensionavam as normas e expectativas de gênero ou a partir do momento em que

⁶ Os jogadores citados e que deram relatos utilizados neste trabalho, foram consultados previamente e autorizaram o uso de seus nomes no artigo e respeito a maneira como se apresentaram e se autodefinem.

⁷ O Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD) é um espaço público administrado pela ONG Grupo pela Vidda em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo. Localizado no bairro da República, no Centro de São Paulo, o CRD atende e promove a cidadania da população LGBTI+.

fizeram a opção por tornar pública a transição de gênero. Outros tinham pela primeira vez a oportunidade de se aventurar na prática de um esporte que por tanto tempo lhes pareceu interdito. Essa conjunção de experiências, além da busca pela constituição de espaços de sociabilidade acolhedores, fez desse encontro, que aconteceu no Parque da Juventude em 26 de agosto de 2016, um evento que transformou a vida de Raphael. Assim, nasceu o Meninos Bons de Bola.

Todo esse processo foi narrado por Raphael em entrevista de vídeo realizada no início de 2022, por meio da plataforma Google Meets.

Eu tava há uns dois anos e meio, mais ou menos, sem jogar bola. [...] Acho que a partir do momento que eu me reconheci como homem trans, veio essa necessidade de conhecer outras pessoas iguais a mim. Comecei a pesquisar grupos no Facebook, WhatsApp, acabei entrando nesses grupos e aí fui perguntando: "Ô, cê gosta de fazer o quê? O que vocês fazem e tal?" Além de perguntar de hormônio, cirurgia, eu perguntava sobre o que eles mais gostavam de fazer. E aí, em um dos grupos do WhatsApp que eu tava, o pessoal tava pensando em fazer um piquenique e jogar bola. Daí, eu falei: "Mano, eu sempre joguei futebol, eu tô com maior saudade de jogar futebol, cês topam jogar um futebol e a gente fazer uma roda de conversa?". E a maioria disse que sim. [...] Quando a gente marcou esse futebol com a roda de conversa, compareceram muitos homens trans, com familiares, namorados, essas coisas. E a partir daí, mano, a gente percebeu a necessidade, o quanto era importante ter um espaço só nosso, sabe? Por mais que a gente pense que não é legal a gente ficar numa bolha só nossa, mas naquele momento era muito necessário isso, o que eles tavam pedindo ali era desse espaço pra poderem ser eles mesmos. [...] **E casou muito com o meu sonho, que era jogar num time que me aceitasse.** Então, eu falei: "Mano, por que não montar um time só de homens trans?" Foi daí que começou essa relação do futebol com o mundo trans. [...] A partir daí surgiu os Meninos Bons de Bola.

Pra mim, foi um momento muito mágico, de muito êxtase. Porque eu não tava conseguindo acreditar que existiam pessoas iguais a mim, né. A partir do momento que comecei a olhar aquele monte de moleques chegando pro encontro e com diversas fases da transição, fiquei pensando: "Será que vou chegar até ali? Será que eu vou conseguir? Será que é isso mesmo?" E quando joguei futebol com esses moleques, foi quando olhei assim e falei: "Mano, é isso! Por que eu parei de jogar bola, sendo que tenho vários companheiros que podem seguir nessa trajetória junto comigo?" Poder vivenciar um sonho que foi barrado ali pra gente. Acho que aquele dia foi o melhor dia da minha vida, porque pude conhecer histórias, compartilhar a minha história e conhecer pessoas. Pessoas que compartilhavam os mesmos medos, as mesmas ansiedades, praticamente os mesmos sonhos que eu... (Raphael Martins em entrevista concedida ao pesquisador, em janeiro de 2021).

"Homem trans" é a categoria mais mobilizada entre meus interlocutores para referirem-se às suas identidades de gênero, sendo comum a referência ao MBB como o "primeiro time de homens trans do Brasil". O uso majoritário de tal nomenclatura vai ao encontro do que diz Guilherme Almeida (2012), quando justifica o uso da categoria "homem trans" como um

guarda-chuva das múltiplas experiências e identificações transmasculinas. As nomenclaturas podem variar – pessoa não binária, pessoa transmasculina, transmasculino –, mas têm em comum a desidentificação com categorias binárias da cisgeneridade⁸. Com o crescente ingresso de jogadores que se identificam como transmasculinos ou não binários, tem-se tornado cada vez mais comum a apresentação do MBB como time “formado por homens trans e pessoas transmasculinas”. Para Almeida e Raquel Carvalho, as pessoas que fazem parte da coletividade transmasculina:

(...) compartilham entre si, simultaneamente, o fato de terem sido compulsoriamente assinalados sob os signos da feminilidade no momento do nascimento, tendo ao longo das suas vidas, em diferentes momentos e sob circunstâncias diversas reivindicado para si uma identidade de gênero situada no campo das masculinidades (2020, p. 335).

Rapha está no MBB desde a sua criação, é um dos seus principais porta-vozes e um interlocutor central desta pesquisa. Graças à boa relação construída entre o pesquisador e Rapha, foi possível ter acesso ao cotidiano e momentos da intimidade do time. Em sua fala, ele destaca a necessidade da criação de grupos onde pudesse estar com seus semelhantes, pessoas que compartilham vivências e questões em comum, combinada com o desejo de voltar a jogar futebol.

Cabe pensar aqui como o futebol é também construtor da masculinidade. Importante considerar que o futebol no Brasil ainda é “marcado por um arbitrário cultural que o considera próprio à homosociabilidade masculina” (DAMO, 2008, p. 228), o que faz com que meninos, desde cedo, sejam estimulados a jogar futebol não só para se divertirem, mas sobretudo para se “fazerem meninos”, alinhando-se a um ideal de masculinidade normativa esperada (cisgênera e heterossexual). Ao fazer uma avaliação da produção bibliográfica sobre o futebol no Brasil, a antropóloga Mariane Pisani (2018, p. 121) reflete sobre o que chama de “gênero da bola”, destacando que “a grande maioria dessas produções reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens”. Neste caso, vale reafirmar que, em geral, parte-se da ideia do homem cisgênero e heterossexual como um “natural” participante e interlocutor do jogo de futebol.

O temor de sofrer preconceitos ou mesmo agressões impediu Rapha e outros integrantes do time de alimentarem o sonho de jogar em times de futebol masculinos, junto

⁸ Para Viviane Vergueiro, pensar a “cisgeneridade implica também em uma possibilidade de refletir sobre a normalidade e os dispositivos de poder que produzem sua naturalização: uma análise sistêmica que nos viabilize cartografias críticas acerca das violências institucionalizadas e não institucionalizadas contra as diversidades corporais e de identidades de gênero” (VERGUEIRO, p. 252-253).

a outros homens cis, ao passo que já não se sentiam mais confortáveis integrando grupos femininos. A busca de estar entre os seus revela, por um lado, o risco de agressões físicas e simbólicas que pessoas trans estão expostas na sociedade e na prática de um jogo ainda fortemente associado a expressões de masculinidade cisnormativas. Por outro lado, revela a criatividade desses sujeitos na construção de espaços seguros de sociabilidade, que lhes permitem, além de jogar futebol, expor os seus corpos, afirmar suas identidades e compartilhar informações – como as questões que envolvem a transição e o acesso a serviços de saúde e tratamentos – e experiências em distintas esferas da vida, como família, trabalho e relações afetivas-amorosas.

Com a pandemia, no entanto, foi preciso tempo para assimilar a mudança drástica na rotina de estudos e trabalho. Nos primeiros meses, convivi com um sentimento de insegurança, com um cenário agravado pelo contexto político turbulento, no qual o governo federal deliberadamente praticou uma política de morte; difundiu informações falsas sobre a Covid-19 e os meios de tratamento da doença, proferiu discursos que minimizaram os riscos da pandemia para a população brasileira e se eximiu da responsabilidade de coordenar políticas públicas para a contenção do vírus no país.

As demandas e prazos, em alguma medida, impeliram o pesquisador a rever a sua pesquisa e abordagem etnográfica com agilidade. Isso fez com que ele se valesse do acesso que foi concedido para ingressar no grupo exclusivo para jogadores e integrantes do MBB no WhatsApp. Deste modo, na impossibilidade de realizar trabalho de campo presencial, se desenharam as possibilidades de se manter vinculado ao time e em interação com seus integrantes.

De acordo com Christine Hine (2009), não há propriamente uma distinção entre o mundo “virtual”, on-line, e o “real”, off-line, pois ambos estão integrados. Num texto que revê a separação entre real e virtual, a autora busca mostrar como o meio digital é parte integrante da sociabilidade contemporânea, não configurando uma “cultura” à parte, nem um espaço separado do dia a dia. Ao contrário, a internet nos atravessa de modo cotidiano, está incorporada nos usos dos smartphones, e inserida como parte de nossas relações sociais. Dessa forma, em termos metodológicos, considera-se que não existe um descolamento entre as vivências e interações online, via redes sociais e aplicativos de troca de mensagem e compartilhamento de conteúdos, do conjunto da etnografia que foi realizada presencialmente até a pandemia, e retomada depois em 2021. Como ressalta a segunda autora (Almeida, 2002, p. 72), manter boas relações (*rapport*) com interlocutores durante a pesquisa de campo é fundamental, ainda mais em se tratando de pesquisas que tratam de temas ligados à

intimidade e à privacidade das pessoas. Ademais, na tentativa de estabelecer diálogos horizontais e de uma abordagem etnográfica crítica a regimes colonizatórios, buscou-se diluir fronteiras rígidas entre pesquisador e interlocutores de pesquisa, a partir do estabelecimento de encontros etnográficos em termos de amizade, conforme proposto por Cornejo (2015). Sem abrir mão da autoridade etnográfica, “o encontro etnográfico [construído] em termos de amizade pode contrariar o impulso de fazer as teorias dos etnógrafos sempre prevalecerem sobre aquelas do informante (sic)” (CORNEJO, 2015, p. 140).

Ter acesso ao grupo de atletas do MBB em 2020 foi importante por permitir ao pesquisador fazer parte da rede de sociabilidade do coletivo e, por conseguinte, conhecer alguns dos temas que eram discutidos entre seus integrantes. Em função do ingresso no grupo, o pesquisador pode também se (re)apresentar ao coletivo enquanto homem cisgênero e pesquisador. A partir desse momento e de interações estabelecidas, se construiu um vínculo e uma relação de confiança com o grupo. O pesquisador assumiu funções dentro do coletivo e se sentiu mais à vontade para propor ações que serviriam tanto para a pesquisa que estava realizando, como para a busca de maior visibilidade do MBB.

No grupo, foi possível ter acesso a algumas das conversas que costumavam acontecer durante as reuniões e encontros semanais, muitas vezes em momentos de maior descontração antes e depois dos treinos, em conversas informais, e igualmente em grupos menores, que acontecem em trajetos de ida e volta do transporte. Dentre os assuntos, surgiam, por exemplo, questões sobre acesso a serviços de saúde especializados para pessoas trans (públicos ou privados); dúvidas sobre o uso de testosterona e hormonização; informações sobre compartilhamento de receitas e indicações de profissionais da área da saúde especializados no atendimento de homens trans; trâmites burocráticos e custos que envolvem o processo de retificação de nome e identidade de gênero nos documentos e registros civis. Eventualmente eram compartilhados conteúdos de cursos, serviços e oportunidades de trabalho dirigidas com exclusividade ou prioritariamente para pessoas trans. João W. Nery e Eduardo M. A. Maranhão Filho (2015) apresentam a seguinte descrição de fóruns online dirigidos ao público transmasculino, que dá um pouco da dimensão de alguns dos assuntos e questões que apareciam e, vez ou outra, reaparecem no grupo do MBB:

Muitos começam a se hormonizar recentemente. Estão preocupados com questões pessoais: de como contar para os pais, como adquirir a receita obrigatória para se comprar o hormônio ou que dosagem tomar [...], conversam sobre os efeitos colaterais do uso da testosterona, procuram por órteses do tipo

binder, packer/play, pum e STP⁹ e discutem suas dúvidas de como se apresentar no trabalho, na escola, na academia ou nas suas relações afetivas (NERY; MARANHÃO FILHO, 2015, p. 106).

Era possível perceber que o grupo, em alguma medida, funcionava também como um fórum online, onde homens trans e pessoas transmasculinas não binárias, em diferentes processos e estágios em relação à transição, obtêm informações para a construção de “itinerários e estratégias ligadas à sua visibilização (ou ocultação) em distintas esferas” (BRAZ, 2018, p. 167). Mesmo assim, em geral, as conversas e temas que mobilizavam maior interesse e engajamento dos participantes eram justamente quando se falava em “treino” ou se especulava possibilidades de retorno das reuniões e jogos presenciais.

Em maio de 2020, sem qualquer previsão de retorno das atividades presenciais e por iniciativa do pesquisador, foi feita a proposta deste auxiliar na produção de conteúdos para a página do time no Instagram. Considerando a chegada de novos integrantes no início do ano, a primeira sugestão foi a de fazer postagens para apresentar o perfil dos jogadores e o elenco do time. Além de tentar engajá-los e fazer com que se sentissem parte do coletivo, a ideia era estimular jogadores a se apresentarem e falarem de si, de sua relação com o futebol, sobre o que representava a entrada no MBB e como viviam experiência de pandemia. Tendo a anuência de Rapha, foram montadas algumas perguntas-base para ajudá-los na elaboração deste relato. O pesquisador pediu também que os participantes escolhessem fotos pessoais que tinham relação com o futebol ou com o MBB, como fotos em que vestiam a camiseta do time.

Foi proposto que eles respondessem livremente às perguntas por meio de mensagem de áudio via WhatsApp. Os áudios com as respostas eram encaminhados de forma privada para o pesquisador, juntamente com as fotos escolhidas. O pesquisador se encarregou de fazer a transcrição e a edição dos relatos para a forma de texto. Foi privilegiado o relato em primeira pessoa e feitas edições no material transcrito de forma que o texto pudesse estar em uma linguagem acessível ao público que segue o perfil do MBB. Seis dos integrantes responderam às questões e concordaram com a transcrição e edição de textos. Antes de subir as postagens, o pesquisador devolvia a cada interlocutor a transcrição na íntegra e a edição feita para a postagem, para que tivesse

⁹ Binder: peça de vestuário usada com o propósito de achatar as mamas e diminuir o volume da região peitoral; Pack and play: Um dos tipos de packer (acessório usado para imitar o falo), usado habitualmente para fins sexuais; Pump: dispositivo usado para aumentar o tamanho do clitóris; STP (stand-to-pee) packer que pode ser usado não apenas para formar volume que remeta ao falo, mas também possibilita a pessoa urinar em pé.

sua aprovação antes da divulgação.

Abaixo, um exemplo de perfil de um dos jogadores do MBB com quem o pesquisador tem mantido contato há mais tempo, desde 2017. Ainda que por questões de trabalho, sua presença nos treinos tenha se tornado mais irregular até às vésperas da pandemia, Pedro é um dos veteranos da equipe e aceitou de pronto o convite para responder às perguntas. Bem articulado, falou de desejos e planos que tinha para a vida, além da sua relação com o futebol desde a infância, mesmo que pouco incentivado pela sua mãe, a principal responsável pelo cuidado e subsistência dele e de sua irmã gêmea. As tensões e discriminações enfrentadas especialmente em decorrência do gênero começaram a ficar mais evidentes na transição da infância para a adolescência, quando acessou escolinhas de futebol e manifestou a intenção de ingressar em categorias de base de clubes. Pedro também destacou a importância que a entrada no time, em 2016, teve em seu processo de transição e autoidentificação como homem trans. Ele revelou ainda que encontrou no MBB um espaço que entendeu como seguro e acolhedor para poder expressar a sua subjetividade, junto a outros homens trans com diferentes vivências e expressões transmasculinas:

O meu contato com o futebol vem de criança, já muito novinho eu amava futebol, tanto assistir como jogar. O incentivo na família não era muito grande. (...) **Na maioria dos times masculinos, eu até conseguia entrar nas escolinhas, mas não conseguia participar de jogos, das competições principais por conta do gênero que não se enquadrava com o que eles queriam.** Naquela época, uns 15 anos atrás, as coisas eram bem mais retraídas do que são hoje.

Pouco mais de um mês da criação do MBB, em 2016, eu participava de um cursinho pré-vestibular voltado apenas pra pessoas trans e teve uma roda de conversa em que tive contato com um integrante do MBB. Ele gostou muito da minha história, a gente começou a conversar e ele me chamou pra participar do time. Foi assim que eu conheci o Meninos Bons de Bola. Este foi um período muito legal, porque eu tava praticamente no início da minha transição, era um período de muita expectativa mas também de muita ansiedade. Ter um esporte, uma válvula de escape seria muito legal, então, o time veio muito a calhar.

Eu cheguei muito tímido, mal conversava, ainda não sabia muito bem como me portar, só que ao mesmo tempo sentia aquele acolhimento e ao longo do tempo fui me abrindo mais. A gente falava sobre as nossas experiências da semana, como era o início da transição, a busca por hormônio, acompanhamento médico... Todos esses assuntos eram pautas dos nossos encontros de domingo. **Era muito legal poder confraternizar, poder conversar, se sentir mais à vontade, não ter medo com a questão do corpo, de estar no meio de uma quadra qualquer e se expor da forma como muitos são.**

Acho que a importância do time é justamente essa, ter um espaço exclusivamente de homens trans. Se a sociedade não fosse tão excludente com as pessoas trans – em todos os âmbitos da sociedade, mas também no esporte –, acho que não seria necessário, mas foi a partir deste cenário que surgiu essa necessidade do time. Pra muitos meninos é mesmo uma válvula de escape chegar no domingo e tentar se por, se

posicionar um pouco, aprender mais com as experiências de outras pessoas. Infelizmente [a pandemia] tá sendo um período de bastante ansiedade e a gente tenta manter a calma pra ver se logo, logo as coisas vão se normalizando e a gente possa ter um pouco mais de alegria do que tá tendo agora (Relato de Pedro Vieira ao pesquisador em 21 de maio de 2020 - grifos meus).

É possível perceber nas palavras de Pedro alguns aspectos recorrentes em outros relatos. Sobre a importância do futebol na vida desses jovens (“uma válvula de escape”) e como o time constitui-se em um espaço de reconstrução de vínculos com o futebol. Ele relembra vivências de preconceito e exclusão na adolescência, por “não se enquadrar” em times masculinos, que o afastou do esporte. Ressalta a importância de “um espaço exclusivamente de homens trans”, entre os seus, que passou a se tornar um importante lugar de socialização e de aprendizado sobre si próprio, em especial no seu início de transição. Além disso, sua fala também dá a medida da lacuna representada pela não realização dos encontros semanais, ou seja, do impacto negativo deixado pelo longo período sem treinos.

Entre setembro e outubro de 2020, quando houve uma redução da média dos casos e mortes diárias em decorrência da Covid-19, entre o que se chamou de primeira e segunda onda da pandemia, integrantes do MBB decidiram retomar os treinos na quadra de futsal alugada na Luz. Esse retorno durou cerca de dois meses, antes de uma nova onda de aumento de casos entre o final de 2020 e o início de 2021. O pesquisador, não se sentindo confortável e seguro para participar de atividades presenciais em espaços fechados, optou por não acompanhar presencialmente os treinos naquele momento. Mesmo à distância, apenas acompanhando as conversas e imagens dos treinos compartilhadas no grupo, foi possível compreender que aquele retorno era ansiado e visto como importante pelos jogadores.

Pelo grupo do WhatsApp, foi possível perceber que muitos integrantes do time tiveram que seguir trabalhando na pandemia e, em sua maioria, em empregos e ocupações que exigiam a saída de suas casas, e talvez por essa razão, eles entendessem como algo razoável a volta aos treinos¹⁰. Além disso, como destacado anteriormente,

¹⁰ Segundo o “Mapeamento de Pessoas Trans na Cidade de São Paulo” (CEDEC, 2021), 58% da população trans estava trabalhando ou tendo alguma atividade remunerada durante a realização da pesquisa. Os dados da mesma pesquisa por identidade de gênero revelam que 59% de homens trans entrevistados mantinham alguma atividade remunerada (trabalhando, principalmente, nos setores do comércio e de serviços). Apenas 49% dos homens trans possuíam emprego formal, com carteira de trabalho assinada, índice que ainda está acima da média da população trans que exerce atividade remunerada (58% das pessoas trans realizam trabalhos informais ou autônomos, de curta duração e sem contrato. 2021, CEDEC).

os treinos e encontros semanais representavam um momento de sociabilidade, interação, lazer e de atividade física importante em suas rotinas e a perda desse momento causava um impacto significativo na saúde física e mental dos integrantes do time.

Esse impacto ficou também evidenciado em um levantamento realizado pelo pesquisador no final de 2020, com o objetivo de conhecer melhor o elenco do MBB. Nesse breve período de retorno dos treinos presenciais, novos jogadores entraram no grupo, o que me motivou a propor a Rapha e posteriormente aos demais a realização de uma pesquisa para conhecer os integrantes da equipe naquele momento. Dentre as perguntas presentes no questionário, buscava-se saber, por exemplo, a relação que tinham com o futebol, se já tinham vivenciado situações de preconceito no esporte e como tinham conhecido o time. A resposta ao questionário era voluntária e o respondente, tendo o seu anonimato respeitado, poderia autorizar ou não o uso ou divulgação de suas respostas nesta pesquisa. As informações seriam compartilhadas com Rapha e outros integrantes que atuam na coordenação do MBB.

Naquele momento, parecia oportuno perguntar sobre a importância da realização dos treinos em meio a um contexto de pandemia. Das doze pessoas que responderam ao questionário, sete estiveram presentes em treinos neste período. As respostas daqueles que participaram dos treinos indicavam alguns dos significados que aquela vivência em grupo tinha, em especial para a saúde física e mental dos participantes, como as referências a termos como alívio, refúgio, força e espaço de extravasar o que sente. A seguir, são reproduzidas algumas das respostas, preservando o anonimato dos respondentes:

Aliviar o stress e me divertir”

“Foi fundamental para minha saúde mental, quando estou no treino parece que **tudo alivia**, parece que estou em outro mundo.”

“Sabemos que a pandemia afetou o psicológico de muitas pessoas e pra gente que muitas vezes os treinos eram um **refúgio** por termos com quem conversar, ter uma orientação foi muito importante e principalmente para movimentar o nosso corpo.”

“Acabei de iniciar minha hormonioterapia e esses encontros de domingo **me dão força**.”

“Ter uma forma de fazer o que se gosta num momento de isolamento foi maravilhoso, **não ficar louco trancado em casa** também... Haha”

“É muito importante ter um certo **refúgio**, onde você pode **extravasar o que se sente**, além de não estar só e ter com quem trocar” (grifos nossos).

À medida em que havia uma construção de vínculos com jogadores, veteranos e e

recém-chegados, houve maior proximidade e confiança para a realização de entrevistas e a produção de narrativas biográficas, como uma estratégia para dar continuidade à pesquisa. Utilizo-as em concordância com os interlocutores como material de análise acerca das vivências transmasculinas de práticas esportivas e aos tensionamentos com os quais esses sujeitos se depararam ao longo de suas vidas, além da relação com o futebol.

Ainda que para essas entrevistas o pesquisador preparasse um roteiro prévio, as conversas acabaram ganhando rumos próprios, não previstos, e em função disso, abriram espaço para abordar outros temas e aprofundar pontos que emergiram durante a narrativa de cada entrevistado. Assim, funcionaram como entrevistas etnográficas propriamente, em que o interlocutor traz direcionamentos à pesquisa que antes não eram previstos. Uma das inspirações para esta etapa do trabalho foi a abordagem adotada por Grada Kilomba (2018), ao entrevistar mulheres negras e estrangeiras, convidando-as a revisitarem e compartilharem suas histórias de vida, refletindo acerca da vivência do racismo em suas vidas. Para Kilomba, a “entrevista narrativa biográfica não diretiva permite às/aos entrevistadas/os definir sua realidade subjetiva” (KILOMBA, 2018, posição 982).

Outra pessoa entrevistada foi Alex, pessoa transmasculina, não binário, negro – prefere o tratamento no masculino (ele/dele) – que entrou no time no segundo semestre de 2020. “Apaixonado” por futebol e com passagens por categorias de base de diferentes equipes, Alex relembra primeiros contatos e encontros com o MBB. Proveniente de um bairro periférico da cidade de Curitiba (PR), mudou-se para São Paulo com os propósitos de cursar faculdade de Ciências Sociais e poder contar com uma rede de saúde mais ampla, buscando ter acompanhamento médico mais adequado para dar continuidade à sua transição. Além disso, almejava manter vivo o sonho de voltar a jogar futebol e competir, mas a partir do uso de testosterona, viu-se impossibilitado de vislumbrar carreira profissional, seja em times femininos ou masculinos. Os trabalhos de Barbara Pires (2020) e Eric Seger de Camargo (2020) refletem sobre como as políticas de elegibilidade fazem do esporte profissional um espaço que reafirma convenções binárias e hierárquicas dos corpos - no qual corpos sexuais como masculinos seriam supostamente detentores de vantagens biológicas-fisiológicas sobre femininos -, acabam por excluir pessoas trans ou dissidentes das normas de gênero. De acordo com essa lógica “... mulheres trans seriam consideradas mais próximas de homens do que de mulheres. O mesmo com homens trans, entretanto, por partir de um lugar supostamente de inferioridade, não existe a mesma preocupação de prejudicar os outros

competidores homens cis” (CAMARGO, 2020, p. 31).

O encontro com o MBB, que conheceu a partir de busca pela internet, representou para Alex uma nova possibilidade de manter o vínculo com o jogo que lhe proporciona tanto prazer.

Eu procurei o time pelo *Instagram*. Depois que mudei pra São Paulo, eu tava naquela saga de procurar uma equipe para jogar, fazendo teste e foi quando comecei a também procurar tratamento. Eu sabia que tinha acompanhamento profissional pelo SUS e sabia que, com isso, eu ia ter que trocar de time, né? Por mais que não me identifique nem como masculino, nem como feminino, por fazer a transição tomando testosterona acredito que não me aceitariam nem no feminino nem no masculino. E aí tem a questão: onde eu vou jogar? De que time eu vou participar, o que eu vou fazer com isso? Comecei a procurar e encontrei o Meninos Bons de Bola e o BigTBoys, do Rio de Janeiro. Mandeí mensagem para o Meninos Bons de Bola, porque eu vi que estavam abertos para receber outras pessoas. Falei da minha identidade de gênero e que achava muito legal o trabalho deles. [...] Daí me mandaram o contato do Raphael. Conversei com o Rapha e ele falou pra eu ir treinar, também falou que ia me colocar no grupo e aí comecei a me envolver com o pessoal... Porque antes do time, foram poucas pessoas trans com quem tive contato. **E daí fazer esse movimento de encontrar um lugar confortável mesmo para você conseguir se expressar.**

Antes de eu me encontrar com o time, eu não tinha muito enfrentamento com as pessoas, tinha dificuldades de me colocar. [...] Acho que sou uma pessoa tímida, mas isso ainda é uma questão, porque, na verdade, acho que não é timidez. Os lugares que eu frequentei durante muito tempo que me fizeram acreditar nisso, mas essa postura tem mudado. (...) Parece que todos os dias você tem que fazer esse enfrentamento, porque se não se colocar né, vem alguém e te coloca numa posição um tanto quanto desconfortável. **Os espaços em que eu me sinto confortável, me fortalecem pra poder me colocar em outros espaços que não compreendem ou que são totalmente diferentes desses espaços em que me sinto confortável. O time, por exemplo, só me fortalece para poder fazer, pra poder me movimentar nos outros espaços. [...] Tem sido bem interessante, porque tô vendo outra possibilidade de ressignificar o que é o esporte e o futebol dentro da minha vida. O Meninos Bons de Bola tem sido uma coisa muito positiva, é muito bom poder fazer parte desse grupo. Até porque um grupo de pessoas trans no esporte é muito significativo, principalmente no contexto em que a gente vive, onde são poucos os times, poucos os espaços que existem nesse sentido.** (Entrevista de Alex dos Santos concedida ao pesquisador em 30 de março de 2021 - grifos nossos)

Fazer parte do time é uma oportunidade de ressignificar a sua relação com o esporte, marcada por prazer e bem-estar, mas também por situações de exclusão e não pertencimento, motivadas por tensões ligadas a questões de gênero, raça, sexualidade e classe. Nas suas palavras, ingressar no MBB representou “esse movimento de encontrar um lugar confortável mesmo para conseguir se expressar”. Alex revelou como a experiência no MBB o tem ajudado também a se fortalecer em ambientes que se

apresentam mais hostis ou onde sentia mais dificuldades de se posicionar e reafirmou a importância de espaços que sejam constituídos por pessoas trans.

As narrativas biográficas dão uma dimensão de alguns dos sentidos simbólicos que futebolistas trans amadores dão ao futebol. Ainda que seus corpos tenham sido atravessados por violência e exclusões por conta de normatividades nas práticas futebolísticas (não apenas de gênero, mas que passam também por outros marcadores como raça, classe, lugar de origem), jogar bola e fazer parte de um time comportam muitos sentidos, que os motivam a disputar espaços para estar nas quadras.

A seguir, é apresentado um relato etnográfico de um momento significativo da pesquisa: o primeiro encontro presencial do pesquisador com integrantes do MBB depois de quase um ano e meio. Era também uma das suas primeiras incursões pela região central da cidade de São Paulo, depois de tanto tempo de reclusão.

O reencontro com o MBB por meio da “antropologia-blogueira”

Em julho de 2021, a campanha de vacinação avançava. Pessoas entre 30 e 40 anos de idade começavam a receber a primeira dose da vacina em São Paulo. No MBB, havia pessoas que falavam do desejo de voltar aos treinos, não demonstrando tanta preocupação. Outras, no entanto, falavam que devido a questões de saúde particulares ou do seu entorno, só se sentiriam seguras para voltar após serem imunizadas com as duas doses da vacina. Predominava o tom de cautela quando o tema era o retorno dos treinos presenciais.

No entanto, ao longo do mês foi ganhando força a ideia de uma reunião presencial de integrantes do MBB, em local aberto. O pretexto seria a entrega dos novos agasalhos do time. Eu mesmo tinha recebido a minha primeira dose da vacina e me senti mais encorajado com a possibilidade de um reencontro depois de tanto tempo. A conversa ganhou força e o encontro se concretizou no dia 25 de julho, uma tarde de domingo ensolarada e de temperatura agradável.

Saí de casa pouco mais de uma hora antes do horário combinado para encontrar um grupo de integrantes do MBB no metrô República. Chegando na Praça da República, ao me dirigir até o interior da estação, fui “encontrado” por Alex. Ele tentou me chamar algumas vezes, antes de descer as escadas rolantes, mas como estava com fones de ouvido, não escutei seus chamados. Era a primeira vez que via Alex pessoalmente, a quem havia conhecido e conversado apenas por troca de mensagens via WhatsApp e

em chamadas de vídeo, como as da entrevista. Ele desceu comigo as escadas rolantes e, em seguida, subimos conversando até onde estavam Rapha e Murillo, jogador que acabava de conhecer. Aguardamos a chegada de mais um integrante, Arthur, que eu também encontrava pela primeira vez. Da Praça da República, bastante movimentada, fizemos uma caminhada de cerca de 10 minutos até a praça da biblioteca Monteiro Lobato, na Vila Buarque. Rapha conhecia aquela praça pela quadra pública que chegou a servir de espaço de encontro e treinos do MBB no passado, quando o time não tinha um local fixo de treinos. No caminho, conversei com Alex e reparei que ele vestia uma camisa do Coritiba, um dos clubes mais populares da capital paranaense, conhecido por “Coxa”. Relembrei de momentos da entrevista que fiz com ele, quando comentou das suas passagens por divisões de base Atlético Paranaense e Paraná Clube, dois clubes tradicionais da capital paranaense, mas acabou não tendo oportunidade de jogar pelo Coxa, equipe para a qual torce, mas que não chega a considerar um “time de coração”. Me chamou a atenção também a maior proximidade entre Rapha e Alex que, mesmo com pouco tempo de MBB, já assumia um lugar de liderança.

Ao chegarmos na entrada da praça, nos deparamos com o portão fechado e vimos que não havia qualquer movimento. Havia uma base da polícia militar próxima à entrada e um dos policiais confirmou que ela ficava fechada aos domingos. Nesse momento, chegou Arthur F., um dos veteranos do grupo, recém recuperado de uma lesão grave no tornozelo sofrida durante um treino em 2020. Considerando o número reduzido do grupo – estávamos em seis – sugeri irmos até a praça Roosevelt, local próximo e conhecido pela ocupação de jovens praticantes de skate. Também costuma ser ponto de encontro de pessoas que se encontram para conversar, ouvir música, beber e comer, frequentar os bares situados nos arredores. Caso a Roosevelt estivesse cheia e fosse inviável permanecer – um temor que eu tinha, dado o cenário de pandemia e a possibilidade de um grande número de pessoas aglomeradas, sem máscaras – já estaríamos no caminho de uma quadra pública embaixo da via elevada da Avenida Nove de Julho, local onde o MBB também fez alguns treinos.

Chegando na Roosevelt vimos uma parte da praça que, apesar da tarde de sol, não estava tão cheia e o grupo decidiu ficar por lá, ocupando um espaço mais ou menos próximo a um grupo de skatistas que fazia manobras registradas por câmeras. Foi assim, negociando o espaço com transeuntes, skatistas e outras tantas pessoas que se acomodavam, descansavam e sentavam para conversar, que os integrantes do MBB foram demarcando o seu lugar, entre brincadeiras de jogar bola com os pés, trocando passes, fazendo embaixadas ou jogo de bobinho. Às vezes também jogavam a bola com

as mãos, trocando os passes com os pés pelos toques do vôlei, e entre essas vivências mais lúdicas aconteceu em algumas ocasiões da bola ultrapassar os “limites” da área da brincadeira. De forma não intencional, a bola chegou a atingir algumas pessoas que estava também na praça, situação em que os jogadores se apressavam para pedir desculpas, nem sempre bem aceitas por pessoas que mantinham expressão de contrariedade. Noutras vezes, ao verem a troca de passes com os pés, algumas pessoas tentaram entrar na brincadeira, fazendo embaixadas, como um homem em situação de rua. Ele agradeceu o espaço concedido e a gentileza dos jogadores do MBB. Creio que o agradecimento também se devia ao fato de ali ter sido visto de fato e tido a sua humanidade minimamente reconhecida.

Entre as brincadeiras, distantes do caráter competitivo do futebol espetacularizado, e reivindicando a presença no espaço público – em interações as quais participei de forma bastante discreta, preferindo ficar na observação – houve um momento de pausa para que Rapha entregasse os agasalhos e uniformes. Foi preciso esperar quase um ano para receber em mãos o novo uniforme que havia sido encomendado. Eu também tinha feito o pedido de uma blusa de moletom, assim como outros jogadores e, assim, Rapha propôs que fizéssemos fotos para a divulgação na página do Instagram, com o objetivo vender e conseguir mais recursos para o coletivo. Quando percebi, estávamos todos reunidos, fazendo uma sessão de fotos na praça Roosevelt, vestindo blusas de moletom em meio ao forte calor e rindo daquela brincadeira de ser modelo.

Um dos momentos mais engraçados do dia foi quando Alex, ao me ver fazendo fotos de trajetos e de algumas das interações dos jogadores, perguntou-me se eu era blogueiro. Essa questão rendeu uma postagem que compartilhei na minha rede social no dia seguinte e que trago aqui neste relato, talvez para fazer jus à alcunha de blogueiro-antropólogo ou antropólogo-blogueiro...

Nesse último domingo, depois de quase um ano e meio, pude reencontrar integrantes do Meninos Bons de Bola, o que significava também voltar a fazer trabalho de campo presencial após tanto tempo. Foi um momento emocionante, especial e alegre para todas as pessoas envolvidas!

Como habitualmente costumo fazer nestes momentos, fui fazendo algumas fotos tanto de trajetos, como das interações entre integrantes do time, treinos e partidas. Em determinado momento, um dos integrantes se aproxima de mim e me pergunta: "Por acaso tu é blogueiro?"

Na hora, surpreso, eu ri bastante e respondi que não, mas depois acabei pensando melhor na pergunta... Pensando que o trabalho de uma pessoa que estuda Antropologia, faz pesquisa de campo, em alguma medida, engloba o registro de experiências de campo, as reflexões acerca de leituras e vivências

cotidianas, a sistematização de todos esses trabalhos e a comunicação de resultados da pesquisa e de novas indagações que surgem em meio a esse processo tão intenso... E tudo isso em meio a um cenário de trabalho extremamente precarizado e mal remunerado (quando é possível ter o acesso a alguma fonte de financiamento à pesquisa), tendo que, muitas vezes, ainda fazer autopromoção dos trabalhos feitos nas redes sociais (às vezes de carreiras paralelas) para conseguir um pouco mais de visibilidade e, quem sabe, conseguir fazer uns trabalhos extra e ter um pouco mais de grana pra pagar os boletos com um pouco menos de perrengue.

E aí nessa vida trôpega de antropólogo-proletário-blogueiro, a gente se depara (e se diverte) com algumas experiências inusitadas, como a de se ver pagando de *modelete* pra divulgar o novo moletom do time. Fico pensando se os Lévi-Strauss, Malinowski, Evans-Pritchard e a galera branca ocidental (estadunidense-europeia) toda trabalhada nos financiamentos, que ia explorar e produzir sentidos sobre "mundos e sociedades desconhecidas", teria esse dom e guentava [sic] a bronca? Será que iriam mandar bem se virando entre poses e produção de conhecimentos?

Por uma Antropologia que, pautada pela responsabilidade e a ética, se permita a ser também blogueira.

Depois de ter ficado todo o tempo de máscara, com fome e sede, decidi que era a hora de me despedir, antes conhecendo mais um integrante do time, Sebastian, que chegou acompanhado de sua companheira. Nesse momento o clima era bem descontraído, a praça estava mais cheia e o grupo confraternizava, bebendo e conversando. Por volta das 16hs, me despedi e fui embora, andando rumo ao Minhocão, bastante cheio naquela tarde.

Enquanto caminhava pelo Minhocão em direção ao ponto de ônibus experimentava sentimentos bastante conflitantes. Desde um misto de leveza e alegria pelo reencontro com Rapha e o restante do grupo, pela possibilidade de retomar o trabalho de campo presencial e por ter experimentado um pouco de "frescor de vida" depois do isolamento. Por outro lado, me via também experimentando uma sensação de estranheza depois de tanto tempo de reclusão, sentindo um desconforto persistente por circular entre pessoas que aparentavam levar a vida normalmente sem isolamento e sem máscaras, diante da pandemia que ainda se revelava cruel, com média de mil vidas perdidas diariamente no país.

Talvez o único sentimento compartilhado por todos, eu inclusive, fosse a necessidade de ter algum alívio em meio a tantas restrições, inseguranças e perdas vivenciadas individual e coletivamente. Poder respirar ao ar livre mais tranquilamente, após o período de isolamento – ainda que mantendo o uso da máscara PFF2 –, foi a vontade que me mobilizou a ir ao encontro do grupo e dar o passo inicial para a retomada do trabalho de campo presencial.

Se até antes daquele encontro, havia ainda alguma incerteza quanto ao retorno dos treinos e posições de que o ideal seria aguardar a imunização completa dos jogadores, no dia seguinte era possível perceber, pelos comentários compartilhados no grupo de WhatsApp, um engajamento favorável à retomada da agenda de treinos semanais. Não foi surpreendente quando vi Rapha, dias depois, puxar a lista de presença dos meninos interessados em ir ao treino marcado para o domingo seguinte, em uma quadra pública na região central. Ainda que entre incertezas, mas dando maior vazão à esperança e ansiedade acumuladas, o time foi gradualmente retomando os seus encontros e treinos dominicais.

Considerações finais: a retomada ao campo presencial e o desafio de complexificar percepções e descrições etnográficas

Este artigo tem como recorte a pesquisa etnográfica realizada com o Meninos Bons de Bola entre março de 2020, momento em que era decretado o estado de quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19, e julho de 2021, quando o time iniciou a retomada dos encontros, treinos presenciais. Durante esse período, a pesquisa e a manutenção de vínculos e diálogos com integrantes do MBB se deu quase que exclusivamente por meios e plataformas digitais.

O contexto de pandemia trouxe perdas, angústias, dores e contribuiu para o aprofundamento de desigualdades sociais no país. A necessidade de cumprir o isolamento social vinha também acompanhada de diversas incertezas quanto ao futuro e, mais especificamente, sobre a pesquisa em curso. Havia muitas dúvidas em relação à sua continuidade e se seria possível realizar um trabalho de campo. Mas com base na relação construída anteriormente entre o pesquisador e o time, foi possível manter as relações e certa sociabilidade com o time e até estreitar vínculos com alguns integrantes. Essa aproximação abriu oportunidades para que o pesquisador conquistasse maior confiança do coletivo e, em alguma medida, passasse a fazer parte do time, assumindo algumas funções que ajudaram na divulgação e na subsistência do time durante o período sem treinos e encontros presenciais. Assim, foi firmado uma espécie “pacto etnográfico” entre pesquisador e interlocutores, valendo-me da formulação proposta por Bruce Albert (KOPENAWA, ALBERT, 2015) ao avaliar o extenso trabalho que fez etnografando comunidades yanomami e, em especial, a relação que construiu com Davi Kopenawa:

É por isso que, na melhor das hipóteses, o etnógrafo que acredita estar 'colhendo dados' está sendo reeducado, por aqueles que aceitaram a sua presença, para servir de intérprete a serviço de sua causa.

(...)

Ao contrário, o pacto tácito a que aludi acima assume uma forma complexa, de ambos os lados da relação etnográfica, e implica responsabilidades muito mais sérias para o etnólogo. Para seus interlocutores, trata-se de engajar-se num processo de auto-objetivação pelo prisma da observação etnográfica, mas de um modo que lhes permita adquirir ao mesmo tempo reconhecimento e cidadania no mundo opaco e virulento que se esforça para sujeitá-los. Para o etnógrafo, em compensação, trata-se de assumir com lealdade um papel político e simbólico de *truchement* às avessas, à altura da dívida de conhecimento que contraiu, mas sem por isso abrir mão da singularidade de sua própria curiosidade intelectual (da qual dependem, em grande parte, a qualidade e a eficácia de sua mediação) (ALBERT, 2015).

À distância e a partir de distintos meios de interação digital e formas de conversa disponíveis, pesquisador e orientadora perceberam a possibilidade que se abria não só de reelaboração da abordagem e dos registros etnográficos, mas também de reconstrução de vínculos em meio a uma vivência de pandemia tão prolongada e desgastante, ainda que vivida e experienciada de modos distintos, tal como fica evidenciado na relação entre pesquisador e interlocutores. Um exemplo dessas visões e experiências distintas acerca da pandemia aparece na opção feita pelo pesquisador de não acompanhar e etnografar os encontros presenciais que o MBB realizou no fim de 2020.

Por meio desse encontro etnográfico em termos de amizade, foi possível adensar a compreensão sobre a importância que o jogo de futebol tem para as pessoas que compõem o grupo. Foi possível entender como a vivência com o MBB lhes permitia reelaborar a sua relação e vínculos com o jogo de futebol, muitas vezes marcadas por experiências de violência, discriminação e interdições, mas que valia apenas insistir no futebol. O time representava um reencontro com a prática e o MBB representou um refúgio dos problemas e dores cotidianas. Nesses contatos e por meio das narrativas biográficas foi possível também compreender os sentidos que estes sujeitos atribuíam ao fazer parte de um time, de uma comunidade junto aos seus. Ademais, o caráter masculino do jogo torna central para eles o acesso a esse esporte, considerando que o futebol é parte da construção da masculinidade para meninos desde a tenra idade.

Foram as estratégias de contribuir para que o time se mantivesse, auxiliando a alimentar os posts do Instagram, mantendo contatos com alguns jogadores pelo Whatsapp, e produzindo material para a divulgação do time que o pesquisador pode manter esse contato durante a pandemia. Se não foi possível jogar junto e produzir uma etnografia corporificada (NASCIMENTO, 2019) neste momento, o contato e as interações mantidas por meio digital, garantiram a relação entre o pesquisador e alguns dos seus interlocutores de modo a viabilizar, posteriormente, o reencontro presencial e a retomada da etnografia como imaginada.

Em agosto de 2021, os encontros dominicais para os treinos do MBB passaram a acontecer em uma quadra pública situada no Largo Coração de Jesus, no bairro dos Campos Elíseos, também na região central de São Paulo. Localizada entre o Terminal Princesa Isabel e a Praça Júlio Prestes, faz parte do perímetro urbano que ficou popularmente conhecido como Cracolândia¹¹, que se caracteriza pela degradação urbana e pelo fluxo de pessoas dependentes químicas e em situação de rua. Se nos primeiros encontros após a retomada era difícil formar dois times de futsal, com cinco jogadores em cada lado, no final de 2021, os treinos do MBB reuniam cerca de 20 jogadores, que se organizavam para a realização de treinos físicos de fundamentos e, no fim, para a prática do treino coletivo. O time voltava a fazer planos de jogos amistosos e participação em torneios.

Judith Butler (2018) ao tratar do exercício performativo de se fazer coletivamente visível em espaços públicos, afirma: “o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis” (BUTLER, 2018, p. 31).

Ao fazerem aparecer as suas subjetividades e corporalidades consideradas dissonantes da masculinidade cisnormativa que ainda se faz hegemônica no universo esportivo, acabam também produzindo outros sentidos para a reunião em torno do jogo de futebol e da prática esportiva, como sinalizam os trabalhos

¹¹ Em artigo sobre a territorialidade da Cracolândia, Taniele Rui (2014) faz a seguinte reflexão: “Como uma territorialidade itinerante está situada numa certa área urbana, mas é sujeita a deslocamentos que variam de acordo com a repressão e intervenção exercidas, além da dinâmica das relações internas. Como um campo de relações, a região também passou a ser sinônimo de degradação e criminalidade urbanas em razão da grande presença de usuários de crack, homens, mulheres, meninos e meninas em situação de rua ou prostituição, nas ruas dos bairros; todos eles, como se sabe, atores urbanos associados simbolicamente a uma série de estigmas como sujeira, perigo, ameaça, drogas, encrenca, vergonha”. (p. 96)

realizados por Camargo (2016) e Julian Silvestrin e Alexandre F. Vaz (2021). No campo realizado presencialmente é possível perceber como o MBB - além de outros coletivos futebolísticos transmasculinos - conseguem colocar em prática o direito de aparição no espaço público e as demandas corporais pelas quais reivindicam por “vidas mais vivíveis” e, por que não, por “futebóis mais jogáveis” ou, simplesmente, mais acessíveis e inclusivos.

Conforme o relato etnográfico da seção anterior, tais demandas são expressas, por exemplo, na negociação de espaços com transeuntes para a realização de uma troca de passes, nas tentativas de dar um drible no colega de time, nos chutes, nos jogos de bobinho e também nos contras de times de camisa e sem camisa. Ou a partir de uma roda de conversa realizada em uma quadra pública, antes e depois dos treinos e jogos, em que integrantes do time conversam mais à vontade sobre suas experiências distintas acerca da transmasculinidade.

Porque quando corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida (BUTLER: 2018, p. 33).

Ainda que a exposição dos seus corpos em espaços públicos por vezes cause estranheza e incômodos em alguns transeuntes, é nos encontros semanais que esses sujeitos vivem a sensação de prazer proporcionada pelo jogar bola, além de encontrar um ambiente acolhedor e masculino. Nos treinos e nos jogos, os integrantes do MBB sentem mais intensamente a experiência de pertencer a um time. Pela constituição de assembleias ou, neste caso, de times de futebol, estes sujeitos constroem espaços que os possibilitam expressar sua corporalidade e reconhecer histórias e marcas que os fazem semelhantes, parte de um mesmo grupo identitário. Ao fazer da experiência do time de futebol um momento em que podem muito mais do que jogar bola, mas que lhes possibilita também encontrar proteção (refúgio) e uma fonte de força para enfrentarem a cisnormatividade cotidiana, o time ganha status de família, categoria abordada e discutida por Pisani e Pinto (2021), a partir da recorrente evocação ao termo presente em diferentes campos (no caso mulheres cis que atuam em times de futebol feminino e integrantes do MBB):

... a categoria família aqui apresentada e problematizada, quando mobilizada pelas/os atletas mulheres cis e/ou homens trans, tem papel crucial para que esses sujeitos consigam construir estratégias de resistência e de pertencimento, da mesma forma que possibilita que os mesmos sujeitos se apropriem das práticas futebolísticas e desconstruam, em algum nível, as normas reguladoras que pairam sobre seus corpos e subjetividades (p. 9)

Família aqui não se refere ao grupo que coabita, um arranjo com hierarquias de gênero, geração e vínculos estabelecidos pela consanguinidade, mas um termo que parece se referir ao afeto e acolhimento propiciado pelo encontro semanal, a partilha de vivências, as orientações e auxílios, o apoio no processo de transição. Um núcleo que, além de proporcionar acolhimento e contribuir para a formação de seus/suas integrantes, possibilita a estes sujeitos também se fortalecerem e conseguirem “sobreviver a um mundo hostil à sua existência” (HALBERSTAM, 2018, posição 1.245).

Um dos desafios que se coloca para a continuidade da pesquisa, com o pesquisador novamente se encontrando e compartilhando vivências com seus interlocutores, é o de conseguir apreender a complexidade que envolve a constituição desses coletivos, sem romper com o pacto etnográfico estabelecido com interlocutores. Trata-se sobretudo de um esforço de adensar a compreensão sobre a construção dessas “famílias” formadas por sujeitos dissidentes das normas de gênero e sexualidade em torno da prática do futebol. Times de futebol que podem se constituir em lugares de acolhida, de fortalecimento e emancipação frente às formas de violência e discriminação que ainda se fazem sistêmicas e cotidianas.

Referências bibliográficas

ALBERT, Bruce. Postscriptum: Quando eu é um outro (e vice-versa). In KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio/ago. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>>.

ALMEIDA, CARVALHO, Raquel Reis. Homens inesperados: emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira do início dos anos 2000. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Mulher em campo: reflexões sobre a experiência etnográfica. In: ALMEIDA, H. B.; COSTA, R. G.; RAMÍREZ GÁLVEZ, M.; SOUZA, É. R. de (Ed.). *Gênero em Matizes*. 1. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. p. 49–80.

AULTMAN, B. Cisgender. In: *Transgender Studies Quarterly*. Postposttransexual: Key Concepts for a 21st Century Transgender Studies. Duke University Press Books, v. 1, n. 1-2, 2014. Disponível em: <<http://tsq.dukejournals.org/content/1/1-2/26.full.pdf>>

BRAZ, Camilo. "Eu já tenho nome" – Itinerários de homens trans em busca de respeito. In *Habitus*, Goiânia, v.16, n.1, pp. 162-176, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6367>

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas performativas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista De Antropologia*, 62(2), pp. 459-484. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161080>>.

NERY, João W.; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Trans-homens no ciberespaço II: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (ogs.). *Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo*. Natal, RN : EDUFRN, p. 105-129, 2015.

PIRES, Barbara Gomes. *A Gestão da Integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, 322 f.

PISANI, Mariane da Silva. "Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

PISANI, Mariane; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>>.

RUI, Taniele. Usos da "Luz" e da "cracolândia": etnografia de práticas espaciais. *Saúde e Sociedade* [online], v. 23, n. 104, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100007>>.

SILVESTREIN, Julian Pegoraro e Vaz, Alexandre Fernandez. Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279366>>.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Entrevistas:

MARTINS, Raphael Henrique. Relatos concedidos a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 29/01/2021 e 17/03/2021. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto e Aline Ribeiro.

SANTOS, Alex da Rocha. Relatos concedidos a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 30/03/2021 e 31/03/2021. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto.

VIEIRA, Pedro. Relato concedido a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 21/05/2020. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto.